

Pão Nosso . . .

Porto, 10 de Agosto de 1910.

N.º 17

SUMARIO:

- I.—DE SATANAZ PARA CHRISTO.
- II.—O «SPORT» DO SÔCO.
- III.—JUPITER OLIMPICO.
- IV.—BATINAS MOLHADAS.

De Satanaz para Cristo

Atraz do cadaver dum poeta. — Um episodio de pathologia litteraria. — Fermento d'inveja na hostia da Dôr. — Anatole France e Jules Lemaitre — Guerra Junqueiro e Gomes Leal. — A piedade que os vendilhões clericas não praticam.

MEU CARO MANUEL LARANJEIRA:

Por toda a semana decorrída, de V. me lembrei.

Nos papeis catolicos, os tecelões de patranhas e as colarejas d'alquilaria, escumavam os olhos humidos de pura compunção religiosa, ou faziam praça da sua fome de civismo, atravez das dolorosas jornadas da conversão de Gomes Leal. Os canticos trompejados em louvor do neofito, o vociferar expedido á desgarrada dos acampamentos reacionarios, alçapremaram a trivialidade do caso ás culminancias dum abalo cosmico, que nos

intestinos do Infinito descoalhasse em lixivia a cirandagem dos mundos.

Ora as conversões e as apostasias são de todos os tempos, de todos os partidos, de todos os dogmas, e de todas as religiões. Conforme os motivos que o homem arrastam a tal passo, assim o estudo do fenomeno incumbe quer ao historiador, quer ao moralista-psicologo, quer ao psiquiatra.

Conversões se operam por causas meramente intelektuaes, mas de inteligencias sans, raciocinando com a frialdade e clareza de quem analisa sistemas, contrapõe doutrinas, afere o toque dos argumentos. E dão-se as que dependem da esfera obscura da logica dos sentimentos, região em que a logica formal só encontra ilogismos.

Existem aquellas em que mandam e ordenam os interesses ao raso da lama, ou as paixões ambiciosas de cunho vilão. Mas a essas chamam-se-lhes — *traições*.

Afinal irrompem as de carater estritamente pathologico, e nellas só o medico tem o direito d'intervir, explica-as o medico, e o medico as trata.

Creio ser este o titulo que encimalha a conversão de Gomes Leal. Sem preocupações sectarias o escrevo, e se pesar confesso no momento, não é porque elle professe opiniões que combato, é por assistir á evolução regressiva duma intelligencia invulgar, por ver como se dissolve a mentalidade dum alto e desigual poeta.

Creio na sinceridade com que elle se afoga no labirinto inextricavel das suas novas crenças. Creio nas lutas da consciencia, em que o velho homem, revolvendo-se á arca partida com o crente de ha dois dias, clame, em ancias de opressiva agonia, ao seu Deus, a graça da fé do carvoeiro.

É para que eu assim creia, bastou-me a leitura dos volumes de Th. Ribot sobre as doenças da vontade, da memoria, da personalidade, e os estudos modernos ácêrca dos misticos e do misticismo.

*

* * *

De ha mezes que só tinhamos noticias da vida atribulada de Gomes Leal, por sueltos injuriosos grunhidos nos mesmos chiqueiros catolicos que delle diziam ter de findar queimado pelo alcool, tal Edgar Poe ou Verlaine. Até um desses papeluchos que aquartilham infamias, chegou a escrever o vocabulo—epilepsia.

Aliaz, as derradeiras tentativas de polemista jacobino, taes as *Verdades Cruas*, ou os artigos do *Mundo*, eram prova de tumultuosas desordens cerebraes, e duma exaggerada sensibilidade morbida obscurecendo-lhe a lucidez do espirito.

A malha do seu estilo só já vestia frustes virilidades. Arrancava em periodos sebaceos de erudição delirante. As imagens rodopiavam na incoerencia e na obsessão da aura do epileptico. A fugidas, um jorro d'ascuas de lume ainda brotava da fragua da imaginação, mas ao cabo da leitura apenas nos doía a certeza de que o poeta estava apto para rimar apenas um rol de lavadeira.

Seus escritos ultimos caíam no insucesso e no silencio. Os que d'antes o admiraram, enconçavam-se num piedoso calar. Cercaram-se-lhes as portas das gazetas. Elle isolou-se no orgulho e no ermo das suas dores.

Como só rarissimos espiritos superiores compreendem o instante em que não devem produzir mais, para não desluzir sua obra anterior, Gomes Leal que sempre foi um temperamento d'artista crepuscular com fulgurações momentaneas, e obscuridades á farta, talvez que á inveja alheia attribuisse o que só era fruta da propria decadencia. Sibilam rancores de desforra na sua profissão de fê. Não sussurram ali a doçura e suavidade tradicionaes dos misticos portuguezes, mas se arrepelam os asperos arremessos dos misticos espanhoes, aporfiando odios represados.

*

* *

Ajuntemos que, durante a sua vida literaria, Gomes Leal disputara, com acirrada inveja, primasias a Guerra Junqueiro. Episodio semelhante na coetanea literatura francêsa se revela

entre Anatole France e Jules Lemaitre. A cada manifestação intelectual do primeiro, corresponde paralela do segundo.

Até, quando A. France entrou na politica, ao lado dos dreifusistas, e nas pugnas religiosas prefaciando os discursos de E. Combes, logo J. Lemaitre deixou que o conduzissem para a burla do nacionalismo, e marcou logar na seita dos neo-catolicos, a par de Bourget e Brunetière, tentativa de renovação a que Roma em breve deu mate, condenando-a.

Porém entre Guerra Junqueiro e Gomes Leal as disparidades cavam-se em fundos valos. Junqueiro é um homem de genio, Gomes Leal foi um talento de relevo, por conseguinte muito aquém do primeiro. A metrica de formosura impecavel de Junqueiro e a tensão filosofica da ideia, distam leguas da tecnica do segundo bem imperfeita a espaços, e dos vãos do seu pensamento, irregulares, quebrando-se em descidas a prumo.

Junqueiro, balisando a sua carreira poetica, mergulhou no estudo das sciencias naturaes. e traz a intenção posta na construção duma metafisica scientifica, passando no cadinho do seu criterio os sistemas filosoficos e as mais recentes experiencias dos sabios. Gomes Leal estacou na evolução progressiva do seu espirito, alheio á disciplina regrada da sciencia, até que lhe assistimos á triste e lamentavel involução.

Guerra Junqueiro é theista. Porém o seu Deus tem tanto de comum com o Deus do P.^e Matos que promete guitarradas e mulherio guapo lá nos céos, ou o do Conde Samodães que venderá pipas de vinho dos lagares dos anjos,—quanto as pieguices lambidas do Gomes Leal canonisado teem de comum com as arremetidas veementes do Gomes Leal anti-catolico.

E Guerra Junqueiro afia sarcasmos d'aço com tempera de fel, enquanto Gomes Leal perdeu a ironia, a ironia que é força e vigor do engenho, e ao mesmo tempo—higiene da alma. Junqueiro fala-nos hoje da moral catolica, cognominando-a anti-civilisadora, depravada e degradante. Gomes Leal absorve num trago o diluvio das abusões da Igreja, abdica da independencia, podando o sexo ao seu passado e tornando-o eunuco flacido de

rins sem vigor, beijando nos locutorios dos coios as mãos das nonas ainda pegajosas da luxuria das caricias fradescas.

No peito de Gomes Leal tumultuaram e tumultuam, como em todos nós, aspirações a um fim indeterminado, longiquo, occulto, que conduz pensadores e sabios — basta citar a ultima tentativa do pragmatismo de W. James—á demanda de conciliações, no terreno do Incognocisvel, entre a sciencia e a religião.

Explicava Benjamin Constant, a razão desta sêde do desconhecido: — Quando Deus pensou em arquitetar o mundo, soberbos projetos, maduros por uma eternidade de meditação, raiaram na soberana intelligencia. Um por um os foi accumulando, como o mestre pedreiro que sobre um piso outro assenta, e um a um os sobrepunha na realidade da criação, tal as gentes praticaram em Babel, furando os nevoeiros, e arrojando para as alturas andaimes sobre palanques, baileus em cima de cadafalsos da lendaria torre.

Ora antes de dar remate á obra e de terminar o fim do Universo, Deus morreu! E d'ahi succede que no seu coração o homem sente que vive para o que não sabe, que aspira ao Ignoto, a um fim ultimo, vago e deserto, pois com a morte de Deus se enterrou o seu segredo.

*

* *

Secaram-se-nos, pois, as lagrimas pelo abandono de Gomes Leal. Todos nós, educados no determinismo que domina as sciencias atuaes, sabemos que o acto do poeta é rejido pelas leis da physio-pathologia. Os catholicos, crentes no livre-arbitrio, enaltecem a *vontade* do homem que assim procedeu. Para os psico-fisiologistas a vontade não gera como *causa*, resulta como *efeito*. Ella não manda, obedece. « Não se aprende a querer. »

Sob o ponto de vista partidario, a retirada d'elle por vantajosa se nos oferece. Pois em cada pagina que a lume deitasse, o descosido das frases, os desvairamentos da argumentação, os entorses da dialectica, o refugo dos conceitos, só aos nossos adversarios apresentavam as falhas da couraça, e acarretariam

polemicas de manifesta inferioridade para nós, obrigados talvez a bater-nos sobre os destroços daquelle naufragio.

Gomes Leal para ninguem lhe agravar os sofrimentos mo-
raes, para continuar hieratico sobre o pedestal de belêsa que
o seu estro creara, — tinha de permanecer calado. Fez melhor.
Deixou-nos a parte robusta e vigorosa do seu talento que se-
guirá vitalisando energias nos livros já publicados, e levou ao
inimigo os restos inserviveis da sua gloria, o arcaboço demo-
lido dum invalido.

Receberam-no como principe, sob um baldaquino de de-
masco e lhama d'oiro, guindando-o a camartelo de herejes, e
destruidor das iniquidades!

A caridade cristã exigia um proceder diferente. Que do
seio do claustro surgisse uma outra M.^{me} Guyon, toda ternura
e bondade, a guarecer-lhe as feridas, orvalhando a amargura
exercuciante daquelle alma, com o balsamo dos carinhos sem nó-
doa: Que lhe ella falasse da mãe que elle tanto amou, que certo
ama, e que d'além tumulo o ha-de conversar como o namorado
Bernaldim Ribeiro conversava os roixinoes: Que o gasalhassem
em frouxel de calma e socego, entre as aguas vivas dos regatos
e o farfalhar das arvoretas tenras, por noites de placidez e de
maridagens livres: Que o levassem ao olvido da lufa-lufa politica,
onde resurgem os atavismos das fêras primitivas: Que o cer-
cassem de grinaldas de creancinhas com olhos de misterio e ca-
belos luminosos da aurora, gorgeando em côro versos da sua
Historia de Jesus: Que mansamente o acompanhassem até ao
vascolear da razão, ou á barbacaan do passamento, na meiga
ilusão de que Além encontraria a santa velhinha, com beijos
frescos do Senhor para o justo que acabava d'expirar!

Mas eu tolejo. Na Igreja de nossos tempos se não albergam
os idilios brancos. Retinem dentro os choques dos broqueis,
e ulula a plebe clerical. Gomes Leal sentirá na refrega bruxu-
lear o livido clarão da lampada. Presagio sinistro... acode-me
a recordação de Lopes de Mendonça!...

Comtudo ainda não disse, meu caro Laranjeira, porque de

si me lembrava. Aqui tem V. um caso, este de que me ocupo que bem lhe merecia umas paginas. Interessa-o, pois que já a sua tese de medicina versava a *Doença da Santidade*.

O satanismo, que Gomes Leal cultivou, mora num dos andares do misticismo. Atravez da obra do poeta, V. que já no nosso tempo d'aulas lia por conta da Academia inteira, segue o desenvolver dos sintomas que supuraram na crise dum catolicismo sem fulgor de religiosidade.

Claramente que lhe não ofereço espaço tão largo que V. aqui possa extender uma critica demorada ao misticismo literario, no genero, por exemplo, do de Joseph Texte acerca de Samuel Taylor Coleridge. Saia, porém V. a campo. Não correm tempos asinhos para cada qual se acasamatar em torres de marfim, sejam ellas edificadas no meio das tavolagens luxuosas d'Espinho, sejam nos visos do Tabor, onde os homens se transfiguraram em deuses, moda que apesar de sublimada, pegou neste mundo. Não sei se de estaca, se por enxertia de garfo.

O "sport" do sôco

Filosofias aguadas. — Um rosario de murros. — Salada de ventas cristans — A barbarie anglo-saxonia. — Final... zero.

No lance de transpor a portada do circo, arredando a tripa mole do reposteiro surrado, fungava na orquestra uma sinfonia que, por força, composta fôra por um policia. Parecia a discussão dum congresso espirita em que ninguem está d'acordo. Os compassos do violino bulhavam com as notas dos bassos, um cornetim batia-se a coice dobrado contra as colcheias da partitura.

Enviuzei olhares inquisidores á assistencia. Uma quasi totalidade de machos. O feio bicho que é o homem moderno, com as preocupações materiaes unhas na face contraída, e os mil

cuidados da luta quotidiana, a disfarce acovilhados nos sorrisos, falsos como a cara dos amigos de beijo-vo-las as mãos, quando nos veem consolar de irremediavel desgraça. Poucas femeas e menos senhoras.

Empregados e creados montavam o *ring*. Taboado de madeira ao rez da terra, quatros espeques nas esquinas, entrançados de corda crua. Abstrai-me segundos, e ensimesmando-me, para dentro de mim perguntei:

— Que diabo vens cá fazer?

— E que demonio vão fazer os que assistem a uma execução pela guilhotina, pela forca ou pelo garrote? — retorquiu de maus humores a outra metade do *eu*, de que nós sempre precisamos para estes dialogos de escrivães publicos.

— Ora essa! — teimou a primeira interrogante. Venho admirar a mui antiga, nobilitante e gloriosa arte de demolir umas queixadas. Uma serie de sôcos, jogados por um campeão do *box*, no mais vivo dum focinho robusto, valem tanto como escutar as nove sinfonias de Beethoven, recitar versos do poeta de predilecção, ouvir no diluculo da manhã a cotovia que com seu grito alegre dá ás estrelas o sinal de dormirem, ou passar meia hora de repouso, na contemplação do *Desterrado* de Soares dos Reis.

— Falas como um deputado que azedou o estomago nas emendas do orçamento.

Neste comenos, os dois lutadores galgavam o cordame divisorio da vedação. Aos angulos dos chantões de madeira, massagistas de pouco saber, as toalhas, os baldes, os jarros, as esponjas, e a agua vivificante...

* * *

Bate-se um belga contra um inglês. Logo os corpos nos aparecem todos educados para as brutalidades da força. Ha exagero de musculos, papos de carne formando desharmonicas protuberancias. Nada que se aproxime da pureza e ritmo das linhas do Discobolo. Dois animaes fortes, mas não dois animaes belos. Travam-se das mãos disformes pelas luvas, e saudam-se.

Caem em guarda. A breve trecho os sócos zunem na taboa do peito, no encaixe das maxilas, nas abras das ventas, nos costados que arfam, na cana do nariz, na dureza do antebraço que se recurvou em parada, nos lobulos das orelhas resvalando para a saliencia do rochedo, e nas arcadas orbitarias

Como foles de forja arquejam os troncos, e nos dois minutos de pausa, as camarinhas de suor polvilham a flôr da pele, enquanto, avidos ambos, sorvem uns golos do ar sacudido pelo mover das toalhas, e o borrifo da agua lhes refresca a fachada com avarias, ou um gorgolão da esponja desabando da nuca pelo gume da espinha lhes vigorisa os impetos murchos.

Parte do publico graceja! Ai! as ganas que senti de agarrar pela lapela do jaquetão um dos protestantes, malhar com elle no terriço da pista e pedir a um dos *boxeurs* a misericordia dum murro, desfechado a todo o comprimento do braço, mesmo em cheio, na tromba do increu!

Engranzam-se os assaltos. Um fio tenue, vermelho claro, descae do labio superior dum combatente, dobra os refegos do pescoço, alonga a sua fina pincelada sanguinea sobre o pomo de Adão... Quanto ao outro, ha um olho que pisca d'assombro, pasmado de que mão inhospita lhe colasse as palpebras antes delle ser avassalado pelo sono.

De repelão, um dos campeões doba sobre o estrado. Finca ainda o corpanzil exausto sobre os cotovelos, distingue-se-lhe a vista anuveada. Assistencia e paredes devem dansar-lhe na turvação da neblina, a ronda das bruxas em noite de baile nos palacios infernaes.

Lentamente, escandindo os segundos como quem vê aproximar-se a hora do pagamento duma letra, o arbitro, de voz monotona, separa:— um... dois... tres... quatro...

Escabuja o caído em solavanco de revolta. Ei-lo de pé. Vê-se vacilar nos jarretes, incharem-lhe as pisaduras onde a mão do adversario deixou assinalamento. Um esforço visivel o sustenta. Apenas se defende.

Cae, e soergue-se. Volta esforçadamente a colocar-se em guarda. A raiva do vencido e da dôr fisica, num relampago o

apruma em firmêsa. Depois o embate. Esmorecem os musculos de fadiga. Rola de vez...

Como canhões disparados, as palmas sobem de escalão para escalão. Os desordeiros da orquestra sanfonam injurias musicas. Parece que o clarinete enguliu as palhetes e pia como solitario môcho. Debandada geral.

*

* *

Tambem eu palmeei á grande... E porque? — a mim pergunto. Porque é que repugnando-me o espetaculo, achando-o animalmente besta, ali hei voltado mais noites, e lá volverei? Será porque o civilisado, frente a exterioridades brutaes, sente em si não o homem d'hoje, mas o homem da epoca quaternaria? Será na intenção perversa de que o sangue corra em tal quantidade, que um dos valentes que ganham o pão escadeirando a figura, rebente no *ring* por uma rutura d'arteria importante?

Talvez! Bem pode ser! Sob a codea do cidadão hodierno encolhem-se as ferocidades ancestraes. Fomos aos circos deliciar-nos com o perigosissimo exercicio do *looping the loop*, ou do «anel da morte». Lá nos seduzem os arrojios perigosos, aquelles em que as vidas dos artistas, risco de vida passam.

E se agora aquelle turbilhão de corpos e aparelhos se despegasse das cornijas do edificio, chapando-se no solo, com o som vasio e inerte do bandulho dum gato morto, baldeado do quarto andar á polida lisura do granito do passeio! E se a cabeça do voador que á distancia vertical de vinte metros larga de trapesio em trapesio, semelhando ave pesadona, viesse despenhar se no chão, e um salpico pardacento de miolos manchasse o setim cereja desta dama que ao nosso lado nos irrita o cio!

Mas onde a arte, a belesa do combate do *box*, paixão furibunda da raça anglo-saxonia?

Formigam por Inglaterra as sociedades protetoras de animaes. Por lá se fundam casas de hospitalisação para os ditos. Um cavallo prostrado nas ruas das grandes cidades, encontra

uma ambulancia propria que o conduz a um veterinario sabedor e caritativo. Enumeram-se os cemiterios dos cães. Castigam-se, e justamente, os maus tratos ás bestas dados.

Só o rosto dum cristão serve de mapa geografico aos punhos doutro cristão que ali acentua, com as nodosidades dos dedos, ilhotes roxos, e abre correjos de sangue! Só nas cavernas terreas das baiucas londrinas, esgotos da miseria britanica, se desfazem a sôco puxado, servindo de pretexto ao jogo d'azar, as bocas e narizes dos lutadores, tanto profissionaes, como pobres diabos que por uns xelins, ganhos com o esmurrar da face, alfim esganam a fome cronica sufocando-a em charcos de *gin*.

Só nas tavernas se conserva o divertimento duma raça superior, metendo em larga gaiola uma ratasana esfaimada, voraz, chiando de furia. Pelo fundo do reduto introduz-se, atravez dum acanhado orificio redondo, a cabeça dum homem até ao pescoço. Ha-de lutar com o bicho, mas apenas se poderá servir dos dentes, perdendo o dinheiro e guardando as feridas que receber, se acaso com o peso da cabeça tenta esmagar o repugnante adversario.

A' roda delle, e durante as peripecias do combate, aposta-se: Cinco xelins pelo homem, tres pelo rato, ou ao revez!

Porque chamam barbaros aos peninsulares? Pelas corridas de toiros, onde ha nobreza, elegancia, donaires, atitudes plasticas, gestos de desgarre, e audacias de bom quilate? Para os bretões, o beserro é intangivel, e a cara humana um coiro destinado á murraça! Será da muita vaca assada que devoram, e que nos faz julgar que o inglês é um parasita do boi?...

O peor é que depois de tal desbarate de filosofias, ao primeiro anuncio de *box*, desabo no teatro, e por lá me quedo á espera de ver estoírar um meu irmão.

Jupiter olimpico

Outra vez o conselheiro.—Desgraça irremediavel.

Os meus leitores já perderam de vista o sr. Conselheiro Adolfo Pimentel, numeros atraz aqui descrito em prosa rica? Pois lhes protesto que esse portento de transcendencias ultra-lunares me acaba de dar o maior alegrão da minha vida!

Declaro. Se o topar em largo populoso, ou por azinhaga arriba, seja até numa feira de gado, engatinho por aquelle paredão de genio, apégo-me á trave do pescoço e babujo-lhe de gratidão as faces macias de cabedal atanado. S. Ex.^a chora d'alegria e eu mólho-me... d'enternecimento. Seremos o mais formoso dos grupos esculturaes, em concurso para fonte publica comtante que elle sirva de cariatide, deitando agua pela bôca.

Lembram-se ainda de haver elle, com a inconsciencia dum vacuo intelectual cronico, padecimento que lhe ficou dum unheiro, falar, em publicas angustias oratorias, *dos que armaram o braço do Buissa?* Foi a frase mais saboreada da assistencia. Cobriram-na d'aplausos. Andou por todas as folhas. Com grande atrazo, e á força d'empuxões, o *Diario da Tarde* a levou a Lisbôa, aos ouvidos do juiz d'instrução.

O juiz remete uma deprecada—contam as gazetas—e o meu Conselheiro responde:—Que tal não proferira, que fôra invenção dos periodicos, e que não tinha lazeres de desmentir as balelas dos jornalistas com as quaes se importava tanto como se um raio lhe caisse no craneo que não corria risco de partir.

Isto é belo! sublime de olimpica serenidade! Um perfil de Augusto impassivel!

E o meu prodigio tem razão! Elle não bacorou o que os invencioneiros fabularam! Eis como elle discorreu na famosa assembleia:

—«Meus senhores! Era eu creança de teta e bibe, quando um desastre affligiu profundamente todos as meus amigos politicos. A minha ama distraía-se com frequencia. Uma vez que

ella me tinha ao colô, (estando eu por sinal e tambem absorto na leitura de Aristoteles) começou a partir com faca um queijo de bola. Inadvertidamente, em vez de cortar o queijo, serrou-me a cabeça pelo meio, sem que de tal me queixasse, pois embebêra o espirito nos grecismos do filosofo. E ella, de todo alheada, logo que os miolos ficaram a descoberto ... comeu-os!

« Viva a familia real portugûesa! Viva o partido regenerador! Viva o sr. conselheiro Campos Henriques! Disse.»

Foi tal e qual o discurso do meu Conselheiro, de que elle se não recorda já, tanto pela razões que, ao tempo, aduzi, como pelas conclusões que derivam da exposição retro.

*

* * *

Este exemplar da minha coleção, pertence ao numero das cabeças falantes a quem os jornalistas teem de fabricar os discursos. Se os trasladassem textualmente, o patrão do periodico, no dia seguinte, depois de alcunhar o reporter de cavalgadura chapada, tirava-lhe licença no governo civil, e a seguir plantava-o a uma esquina.

O conselheiro, no dia immediato, se o jornalista lhe distribuiu uma boa fala, cala-se e louva-se no proprio talento; se estampa coisas que só se dizem aos auditorios basbaques, mas que, saidas na imprensa, provocam discussões e dissabores, nega-as com a teimosia dos jericos que se recuzam a andar.

Passa dum mez que a imprensa atravessam as declarações gravissimas do sr. Adolfo Pimentel. E nos desertos por onde elle passeia a sua alta mentalidade, não ecoam as desgraças terrestres.

E' que S. Ex.^a, mal chega a canicula, sente no cerebro fermentações extranhas. A ama tapou-lhe a falha com massa de queijo, e o meu conselheiro atarefa-se agora de laboratorio em laboratorio, para que os analistas lhe digam, se não seria antes massa de batata.

Eis os motivos do seu silencio.

Bafinas molhadas

Chegar, ver... e fugir.— Sermões que não dão fruto.

A politica de Canalejas, de bom ou mau grado oposta aos reacionarios, tem provocado na Espanha refestas de linguas des-envoltas. Pensou Roma, — onde Pio X, que as inconfidencias nos apresentam como um iletrado de natureza violenta, crê o universo de mólho no concavo da tiara, como se o sistema planetario coubesse num bidet, — que badalejara a hora de romper a guerra civil.

Para este domingo, os catholicos das quatro provincias do norte, Biscaia, Navarra, Guipozcoa e Alava annunciaram um prestito publico a San-Sebastian, residencia veraneadora da cõrte, cortejo colossal orçado em centenas de milhares de cabeças ruraes, que iriam clamar ao Rei contra o seu ministro.

Ameaçavam inundar a cidade com um rio de fanaticos. Desbocadamente as folhas prégavam o alevante pelas armas. Curas de figados em salmoira carlista distribuiam escopetas. Os chefes arengavam tal se trouxessem no papo as cabildas marroquinas. Espiritos inquietos, ou sonhadores que das sombras se aterram, botavam prognostico de guerra civil. Já na Peninsula boiavam cabeças de liberaes, em lagos de pasmosa sangoeira!

Ahi vinham frotas de *biskaitarras* gralhando o vasconço, de cuja lingua um filologo afirmava: — «Elles dizem que se intendem uns aos outros, mas por mim não acredito.» Esmavam-se as filas de vagonzinhos precisos para carrear tanta rez, e até se temia encarecimento tão subido de viveres, que os padres houvessem de manducar os freguêses.

Amuralhando barreiras, os liberaes, republicanos e socialistas prometiam contra-manifestação. Em receio de inevitaveis colisões, o governo, para poupar conflitos dramaticos, proibiu a procição dos guerreiros de Cristo.

Proclamação dos chefes: — «Pois iremos, custe o que custar.» E lembravam os martires das pristinas eras, os Neros, os

Domicianos, as carnes dos confessores nas gargantas dos leões, os gadanhos dos tigres dilacerando corpos bemitos de virgens.

«Pois não venham, que o não consinto!» — repoz Canalejas. E mobilizou tropas, no intuito de cortar o passo aos pseudo-insuretos.

Tudo o empuxe dos clericas, dispostos ao sacrificio, apagou-se num sopro. Pela antevespera, um manifesto dos organisadores desistia da entrega da alma a Deus. Ora, como por aldeias remotas, ou não soubessem ler, ou a palavra d'ordem lá não chegasse, quiçá propositalmente, alguns milhares de camponios desceram até San-Sebastian.

Caminhavam os curas á cabeceira das colunas, guardando no peito a fé do martirio, e nas algibeiras o dinheiro dos fieis, para custeio da viagem e molhadura de pinga ao longo da peregrinação. Mal arribaram á cidade, as chusmas montesinhas avistando soldados, barregavam como vitelos, que os queriam fazer em postas. Quanto á padralhada abalara em carreira para as terras, deixando a fé entregue aos rebanhos, mas levando o dinheiro nos bolços!

E assim, o dia destinado a abrir os tempos novos de guerrilhas e batalhas campaes, serviu de corrida de cavalos a suas reverencias. Por contrapeso, o governo viu-se nas entaldas de dar de comer aos manifestantes, e terá amanha de distribuir batinas no trinque aos parocos, pois que na desfilada da fuga não lograram estes suster os médos represados, deixando as fraldas negras como o arco-iris dos cueiros das creaturinhas de berço.

Ao apresentar Clémenceau no parlamento a lei da separação das Igrejas e do Estado, affiançavam os orgãos reacionarios, terrores identicos aos que devoram os seus congeneres de Espanha. No resto da Europa ia uma anciosa expectativa.

Vota-se a lei, e tudo se cifra em platonicas manifestações. Procede-se aos inventarios das Igrejas, e só então os camponios de meia duzia d'aldeias bretãs, agrediram uns pelotões de tropas, despejando-lhes baldes de imundicie, defeza que emporcalha a memoria dos *chouans*, gigantes de guerras sem quartel.

E todo o esforço dos militantes catolicos se precipitou nos vasos da noite dos estupidos aldeãos da Bretanha!

E' no que se hão-de resumir as farroncas dos nossos reacionarios, quando chegar o periodo de lhes abaterem a prôa e derrabar a pôpa. Porção dos abades minhotos protestaram contra a portaria do sr. Fratel, mas vão votar com o governo.

Passou a epoca das guerras civis, por causas de religião. A historia não marcha as arrecuas, como certos bispos se movem. O aperfeiçoamento das armas modernas poz fecho ás prolongadas campanhas em que os bandos irregulares, de trabuco ao hombro, e um quadrado de pano branco com bordadura a rubro do Coração de Jesus, cosido no lado esquerdo do peito, traziam em cheque exercitos do regulares.

Assim que as populações dos campos aferradas aos camparios, se convencerem de que ninguem lhes impede o batismo e a confissão á hora da morte, por mais que o clero se desaine, não conseguirá levar as ovelhas, sequer para as preces publicas. Vae morrendo a fé. Outras illusões a substituem.

Arranquem ao lavrador a sua belga de terra, e elle mais os seus cães deitar-se-hão a monte, elle estripando com a chuça, os cães pulando ao gasnete do expropriador.

Em breve, porém, se lhe disserem que ha-de sustentar o padre e o culto sem intervenção do Estado, deixará o templo um pardieiro, e pagará ao padre uma jorna se este lhe fizer um carroto.

No café dos... conselheiros

Ao descrever o pitoresco dum café, no ultimo panfleto, dei-lhe o titulo oral por que é conhecido, desde a sua fundação, de café dos ladrões. A antiga e tradicional alcunha, nem o seu proprietario actual magôa, por ser honesto e homem de bem, nem a sua frequencia que do trabalho vive.

Houve quem lêsse no panfleto... o que lá não estava. Ora eu só escrevo para quem percebe. E vejam agora os que ao avesso tudo compreendem, se não tinha razão o Rodrigo da Fonseca quando dizia — «Triste coisa nascer entre burros, viver entre burros, e morrer entre burros».